

PARTE UM

OUTONO DE 1930

“Dentro de mim trava-se uma batalha entre o deleite proporcionado por uma macieira em flor e o horror de um discurso de Hitler. Mas somente o último me obriga a sentar-me à mesa de trabalho.”

— Bertolt Brecht

1

O corpo estava deitado de costas em um beco escuro, a oito metros da Hirrenstrasse. A área, próxima ao quartel-general da polícia, na Alexanderplatz, era um bairro comunista, repleto de edifícios de tijolos e barracos de madeira. Barlach jamais veria o corpo se não tivesse entrado no beco para urinar.

O dia fora de tempestades, seguido por uma noite excessivamente fria. Uma frente báltica passara por Berlim, e as primeiras folhas caíam dos castanheiros que pontilhavam a Prenzlauerstrasse, onde o *Oberwachtmeister* Fritz Barlach fazia a patrulha. Barlach trabalhava como policial havia seis anos e, na maior parte desse tempo, patrulhando as ruas de Scheunenviertel, um distrito perigoso, habitado pela classe trabalhadora e dominado por marxistas e bandidos desempregados.

Esperara a chuva passar sob o toldo de uma tabacaria, na Prenzlauer. Vestindo o uniforme de lã azul de Schupo, capa de chuva de um azul desbotado e botas pretas com grossas solas de borracha, ele acendeu um cigarro e amaldiçoou-se por estarem acabando. Pela milésima vez em seis anos, observou a rua sombria. Um bonde passou, com as fileiras de bancos verdes iluminados por uma chuva de faíscas. No fim do quarteirão, um grupo de trabalhadores encontrava-se reunido diante de um bar. Barlach ouvia-os rir baixo, erguendo as canecas de cerveja em um brinde, enquanto a fumaça dos cigarros e charutos erguia-se no ar. Sob a chuva, a rua de paralelepípedos brilhava, e o ar trazia o leve odor de poeira de carvão.

Como todo Schupo, Barlach levava consigo a arma padrão da polícia, um revólver “08”, calibre 9mm, além de um cassetete de quarenta centímetros, feito de madeira escura de nogueira, com cabo em couro. Na escuridão, contou rapidamente os comunistas reunidos diante do bar. Vinte, talvez. Desabotoou a capa de chuva, exibindo ostensivamente o coldre de couro preto e o cabo da pistola dentro dele. Alguns dos homens haviam depositado as canecas sobre as mesas na calçada e encaravam o policial com hostilidade. O som da polca atravessava a porta do bar e chegava à rua.

— Schupo porco! — gritou alguém.

— Venha beber conosco, Schupo!

— Marionete da República!

— Bajulador fascista!

Barlach continuou caminhando no mesmo ritmo. Estudou os homens, catalogando seus rostos no escuro: ajudantes de fábrica, soldadores, encanadores e carpinteiros, motoristas de caminhão, estivadores e metalúrgicos desempregados, todos de aparência grosseira.

— Comedor de merda! — gritou um deles. — Venha beber conosco, Schupo! Enquanto sua mãe se deita com algum ricoço!

Barlach seguiu para oeste, pela Hirrenstrasse, testando portas de lojas e espiando através das vitrines. Parou na entrada de um beco sem saída. Na escuridão, conseguiu divisar as três portas de aço de um armazém, uma pilha de caixotes vazios, latas de lixo e sujeira. Dando as costas para a rua, postou-se de frente para a parede e desabotoou a calça, para em seguida liberar um jato de urina, que escorreu para um bueiro. Percebeu a aproximação de um bonde, o tilintar do sino e o chiado das faíscas elétricas de encontro ao asfalto molhado. E foi nesse momento, em um reflexo de luz, que viu o corpo.

Depois de oito passos largos, ajoelhou-se ao lado dele e tocou o pescoço, tentando sentir a pulsação. Percebeu o coração disparar descompassado, e não soube o que pensar. Era uma garota bonita e delicada, cuidadosamente arrumada, com cabelos pretos e lisos, que formavam uma moldura perfeita para o rosto de traços marcantes. Usava um vestido de noite preto, em tecido reluzente, enfeitado de lantejoulas, meias de seda e sapatos, em preto-e-branco, de saltos altos. O rosto exibia maquiagem perfeita, a pele quase branca pelo pó-de-arroz, círculos avermelhados de ruge nas faces, batom carmim e sombra escura nos olhos. Barlach aproximou o ouvido dos lábios da mulher e constatou que ela não respirava.

Ele se levantou e voltou a examinar o corpo: unhas postiças pintadas de preto, tornozelos e punhos delgados, os músculos das pernas bem desenvolvidos, como os de uma dançarina ou ginasta. As sobrancelhas estavam feitas e pintadas de preto. Havia um anel em cada dedo. Barlach sentou-se em um caixote e, dirigindo a lanterna para as marcas no pescoço da mulher, notou que o batom estava borrado no canto esquerdo da boca.

— Que faz uma belezinha como você em Scheunenviertel? — murmurou para si mesmo.

Encontrou um telefone de emergência da polícia na Hirrenstrasse e ligou para o quartel-general, na Alexanderplatz. Quando retornou ao beco, voltou a sentar-se no caixote. Teve a impressão de que ela havia tomado a chuva que caíra duas horas antes. Consultou o relógio de bolso. Dez horas. Acendeu um cigarro e esperou pelo inspetor — algum figurão, com certeza — que Alexanderplatz enviaria.

■ ■ ■

O *Kriminal Kommissar* Harry Wulff estava sentado no peitoril de mármore de uma janela do terceiro andar, de onde podia observar a Alexanderplatz. Os bondes iam e vinham, passageiros saíam de Bahnhof, onde se podia ouvir o barulho alto dos trens que chegavam. Jornaleiros anunciavam aos berros as últimas edições e, mesmo estando no terceiro andar, Wulff conseguia escutar um realejo.

Um ordenança chamado Krause acompanhara Wulff pelo longo corredor até a ante-sala do comissário-chefe, e o convidara a sentar-se em uma cadeira preta, de espaldar alto, oferecendo-lhe uma xícara de chá. Wulff recusou as duas ofertas, preferindo sentar-se no mármore frio para observar a Alexanderplatz com seu movimento interminável. Naquela noite, uma tempestade se abatera sobre a cidade de surpresa. Wulff fora de táxi desde seu apartamento na Zimmerstrasse até o quartel-general na Alexanderplatz. Vestia um terno de sarja cinza e usava pesados sapatos ingleses.

Um faxineiro que varria o corredor, aproximou-se de Wulff. Ele andava de modo estranhamente desajeitado e vestia um macacão cinza, com panos de limpeza vermelhos enfiados nos bolsos traseiros. Parou por um instante, como se estivesse surpreso com a presença de Wulff sentado no peitoril. Então, retirou um dos panos do bolso e pôs-se a limpar lentamente a superfície de uma mesinha de mogno.

— Deve estar esperando pelo judeuzinho — disse a Wulff.

— Estou esperando por Weiss — retrucou Wulff, perturbado.

No corredor, os lustres refletiam a luz avermelhada da praça.

— É tarde, não? — comentou o faxineiro em tom misterioso.

Harry Wulff consultou o relógio de bolso, um caro exemplar suíço que lhe fora dado pelo pai. Quase dez horas. O faxineiro voltou a guardar o pano vermelho no bolso.

— Você trabalha a noite toda? — perguntou Wulff.

— Comecei meu turno agora — respondeu o outro.

Wulff virou-se parcialmente e olhou para a praça lá embaixo, na esperança de encerrar o *tête-à-tête*. Pensou em fumar, mas não viu nenhum cinzeiro. O faxineiro apoiou-se na vassoura.

— Já o vi aqui antes, não?

— Sou detetive-inspetor — esclareceu Wulff.

— Inspetor — repetiu o homem.

O bonde Anhalter-Bahnhof parou na praça, derrapando um pouco e formando um espetáculo de faíscas. O faxineiro matou o tempo enrolando panos de limpeza na vassoura e prendendo-os a ela. À esquerda, Krause cruzou uma porta dourada.

— O comissário vai recebê-lo agora — anunciou em tom formal.

Wulff levantou-se e seguiu o ordenança pela porta. A sala do comissário-chefe era ampla, com prateleiras repletas de livros de um lado e duas mesas cobertas de papéis. Atrás das mesas, uma grande lareira cheirava a cinza molhada. Bernhard Weiss, que se sentava de frente para a porta, levantou-se e indicou uma cadeira, em um convite para que Wulff se sentasse.

— Peço desculpas por marcar uma reunião a esta hora.

Wulff era pelo menos um palmo mais alto do que ele.

— Sei que é muito tarde. Suponho que tenha sido informado do tumulto criado em Wedding. Mais uma manifestação comunista.

Wulff confirmou que ouvira falar do incidente. As eleições para o *Reichstag* haviam sido marcadas e as confusões nas ruas eram comuns. Naquela arruaça, em particular, não ocorrera nenhuma morte.

Weiss jogou com o tempo, espiando Wulff através das lentes grossas de seus óculos. O comissário-chefe tinha um nariz enorme, orelhas de abano e cabeça estreita e ovalada. Abriu uma pasta parda e examinou o conteúdo, enquanto Wulff esperava pacientemente no escritório semi-escuro. As

janelas atrás dele dançavam com imagens avermelhadas e articuladas, o néon das lojas de departamentos, as lâmpadas alaranjadas das ruas.

— Você apóia a República, Wulff? — perguntou, de súbito, Weiss. As brasas chiaram e soltaram fagulhas. Apesar do fogo e do chão atapetado, Wulff sentia-se gelado até os ossos.

— Talvez você considere a pergunta provocativa e estranha — continuou.

— Sou a favor da República — afirmou Wulff.

— Tanto quanto qualquer outro, suponho.

— Tanto quanto qualquer outro — declarou calmamente Wulff.

— Foi o que pensei — retrucou Weiss. — Creio que já nos encontramos em outras ocasiões, não?

Wulff refletiu por um momento.

— Na inauguração da nova academia de polícia — disse. Como integrante da equipe de investigação criminal Kripo, Wulff tinha pouquíssimas razões para encontrar Bernhard Weiss, o chefe da unidade política metropolitana de Berlim, a Stapo, uma divisão da polícia encarregada de atividades subversivas. — E, se não me engano — continuou —, tivemos uma breve conversa no funeral do ministro do Exterior, Stresseman.

— De fato — lembrou Weiss. — Andei examinando seu dossiê.

— Tenho certeza de que é uma leitura tediosa.

— De maneira alguma. Você tem uma folha de serviço invejável, mas eu me pergunto se é filiado a algum partido político.

— Meu voto obedece à minha consciência — contemporizou Wulff.

— Vejo que se formou pela Universidade de Berlim, em filosofia e história. Tornou-se detetive aos 23 anos, e detetive-inspetor aos trinta. Um avanço impressionante no Departamento IV. Vai acabar recebendo seu próprio *Oberkommissariat*, se não tiver cuidado!

— Tive muita sorte — murmurou Wulff.

— E seu pai foi do Estado-Maior de Ludendorff durante a Grande Guerra?

Wulff fez uma pausa, consciente de que estava sendo testado. Sabia que Weiss recebera a Cruz de Ferro de Primeira Classe, na Grande Guerra. O comissário-chefe havia retornado à Alemanha com um grave ferimento no ombro e vários estilhaços de bala na cabeça.

— O senhor conheceu meu pai? — perguntou, afinal.

— Só de *ouvir falar* — respondeu Weiss. — Sim, você reuniu um dossiê impressionante. — Retirou os óculos e limpou-os com um lenço branco. — Mas estou curioso sobre uma coisa — acrescentou. — Você não investiga crimes políticos. Parece preferir o cotidiano ao histórico. Eu me pergunto por que um homem com seu talento não é mais bem aproveitado pela República. Vejo-me obrigado a perguntar de onde vem essa predileção pelo comum.

— Se é mesmo uma predileção, ela surgiu sinceramente— declarou Wulff.

— Ora, mas é claro! — Weiss sorriu. Dois abajures de latão iluminavam a mesa. Os cabelos castanhos e lisos reluziam pelo uso da brilhantina. — Conhece o dr. Goebbels?

— Certamente, sei algumas coisas sobre ele.

— Sabe das calúnias que ele vem lançando sobre mim?

— Vagamente — admitiu Wulff.

— Há dois anos Goebbels vem travando sua batalha literária contra mim por meio do tablóide patrocinado por seu partido. É um homem que transformou o anti-semitismo e a morte da República em seu território especial. Sua missão divina.

Wulff já vira o jornal intitulado *Der Angriff* (A Ofensiva), publicado duas vezes por semana, com artigos carregados de ódio pelos judeus, caricaturas, insinuações sexuais, ataques políticos bombásticos e boatos. Também sabia que Weiss reagira com processos e prisões, fechamento da gráfica, e até mesmo com invasões da sede do Partido Nazista, tudo isso uma batalha perdida.

— Que tem isso a ver comigo? — indagou Wulff.

— Sim, essa é a questão — disse Weiss. — Preciso de um homem como você no Departamento I. Quero que venha trabalhar para a República, fazendo parte da polícia política. Deve acreditar em mim quando digo que a República está muito próxima de seus últimos suspiros.

— Não há dúvida quanto a isso — concordou Wulff.

Weiss enfiou a mão na gaveta e retirou um espesso maço de documentos datilografados.

— Preparei um relatório sobre os nazistas e sua tropa de assalto para o promotor do Reich — disse. — É este o relatório que tenho em mãos. Se

— você o ler, tomará conhecimento de uma realidade um tanto sombria. Talvez acabe concordando comigo sobre a atual luta política requerer um policial com seu talento.

Weiss estendeu o relatório para Wulff. Na parede atrás dele havia um retrato de Hindenberg, o velho presidente de bigode branco e colarinho com galões.

— Com certeza, existem outros mais indicados para esse trabalho — argumentou Wulff.

— Talvez, detetive-inspetor — murmurou Weiss —, mas os fatos apontam em outra direção. — Fixou um olhar penetrante em Wulff. — Existem, hoje, 21 mil agentes na Polícia Metropolitana de Berlim. Desses, talvez trezentos sejam da polícia política Stapo e, dos trezentos, talvez cinquenta tenham a inteligência necessária para comunicar atividades subversivas com alguma acuidade e perspicácia. — Weiss caminhou até a lareira e pôs-se a aquecer as mãos. — Mas você, meu caro Wulff, é diferente. Quero que organize um núcleo de especialistas dedicados, que vão não somente observar e informar, mas também infiltrar-se nos grupos envolvidos, tornando-se membros dos partidos! Conversei com o *Oberkommisar* Bruckmann. Na qualidade de seu capitão na polícia criminal, ele prometeu liberá-lo para um serviço especial.

— Não quero ofendê-lo, mas sou Kripo até na alma.

— E que significa esta alma? — retrucou Weiss, acenando a mão em um gesto indiferente, como se espantasse uma mosca imaginária. — Não existe alma humana. Você é um aristocrata que perdeu dois irmãos na guerra e tem uma amante judia. Trata-se de uma médica, se não estou enganado. Centenas de milhares de judeus lutaram pela Alemanha na guerra e, ainda assim, têm medo de construir uma sinagoga com as portas voltadas para a rua. Se isso continuar, qual será o destino de nosso país?

— O senhor parece saber muito sobre mim.

— Desculpe-me, Wulff. Enquanto conversamos, espiões transitam pelos corredores deste edifício. Faça o possível para conhecer a natureza do meu pessoal.

— Inclusive suas vidas pessoais? — persistiu Wulff.

Weiss deu de ombros.

— Acha que o anonimato é direito nato de um Kripo? Como pensa que a democracia combate perversões dessa natureza?

Wulff não sentiu necessidade de responder.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa — prosseguiu Weiss. — Os dois homens mais perigosos de Berlim são o *Gauleiter* Goebbels e o líder da tropa de assalto 33, *Führer* Dieter Rom. Sem informações precisas sobre o comportamento e os programas deles, este governo fica impotente para combater a revolução planejada. Eu esperava que você fosse se unir a essa luta.

— E quanto à minha amante judia? — perguntou Wulff.

— Vejo que o ofendi — admitiu Weiss. — Por favor, perdoe-me, detetive-inspetor. Sou um homem embrutecido. Goebbels me difama todos os dias. Minha caricatura aparece nos tablóides. Ele desonra minha esposa e minha família. Agora que as eleições estão próximas, o ataque piorou. Antes eu também acreditava em intimidade absoluta. Atualmente, porém, a intimidade é um luxo a que a República não pode se dar.

— Quer me dizer mais alguma coisa, senhor? — perguntou Wulff.

— Por favor — insistiu Weiss —, pense no meu pedido. E pense em outra coisa também. Como já expliquei, um espião nazista trabalha em algum lugar deste edifício. Na semana passada, meus homens efetuaram uma invasão-surpresa no quartel-general da tropa de assalto 33. Descobrimos que todos os papéis e documentos haviam sido removidos, ou destruídos, antes da invasão. Como deve saber, a tropa 33 é responsável por inúmeros tumultos e assassinatos. Foram informados de nossos planos com antecedência, Wulff. E, quando conhecem nossos planos de antemão, como podem ser derrotados? E, quando digo que o futuro da Europa está ameaçado, acha que estou sendo melodramático?

O telefone tocou. Weiss pegou-o e falou em voz baixa por um minuto.

— Sim, sim, entendo — murmurou por fim, antes de desligar e dizer: — Houve um assassinato em Hirrenstrasse.

Wulff inclinou-se para a frente, com as mãos nos joelhos.

— Em que circunstâncias?

— Não políticas — informou Weiss.

— Hirrenstrasse não fica longe daqui.

— Quem ligou foi o oficial do plantão noturno. Ele o viu assinar o livro de registro de entrada, lá embaixo. O Schupo gostaria de saber se você concordaria em investigar. Conhecendo você, sei que provavelmente vai aceitar.

— Onde ocorreu o crime?

— Scheunenviertel, perto de Prenzlauerstrasse. Um primeiro-sargento está na cena do crime. Ele se chama Barlach. Você está de carro?

— Vim de táxi.

— Pegue um Opel na garagem.

— O sargento Barlach pertence ao sétimo distrito?

— Vejo que conhece muito bem nossas jurisdições — comentou Weiss com admiração.

— Trata-se de um bairro comunista.

Weiss levantou-se.

— Não vai me prometer que lerá uma cópia do meu relatório?

— É claro, senhor — concordou Wulff, apanhando o maço de papéis com relutância.

Em seguida, deixou a sala apressado e caminhou acompanhado por Krause pelo longo corredor. No final, desceu a escada de mármore para o primeiro andar, onde viu o faxineiro realizando sua tarefa. Passou por ele sem diminuir o ritmo.

— Dizem que houve um assassinato — comentou o faxineiro, a voz ecoando no vasto saguão.

— Está bem informado — respondeu Wulff.

Virou-se e seguiu para a garagem da polícia, um armazém próximo à Alexanderplatz Bahnhof.